

OS ESTUDOS SOBRE AS MULHERES E O SABER Onde se conclui que o poético é feminista

Maria Irene Ramalho

Resumo O desafio lançado pela APEM, de uma ponderação nas diversas áreas do saber do “Impacte dos Estudos sobre as Mulheres na Produção Científica Nacional”, suscita uma reflexão paralela sobre o contributo de algumas dessas áreas do saber para o desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres ou, como eu prefiro dizer, para o desenvolvimento dos Estudos Feministas. A reflexão que se impõe é a dos pressupostos e condições para a consolidação de epistemologias feministas na investigação científica em geral. Neste meu trabalho, ocupo-me da relação estreita e recíproca entre os Estudos sobre as Mulheres/Estudos Feministas e a área do saber em que privilegiadamente me situo — a Literatura e os Estudos Americanos (American Studies) —, procurando mostrar como o texto poético se antecipa muitas vezes às perspectivas feministas da investigação científica actual. Um dos pontos de partida da minha análise é o impacte dos estudos feministas em Pierre Bourdieu e a leitura que o sociólogo francês oferece do romance de Virginia Woolf *To The Lighthouse* (1927) em *La Domination Masculine* (1998).

Palavras chave Estudos americanos, sociologia, epistemologia feminista, poesia.

“Faith” is a fine invention
When Gentlemen can see —
But *Microscopes* are prudent
In an Emergency.
(Emily Dickinson)

O desafio recentemente lançado pela APEM, de uma ponderação nas diversas áreas do saber do “Impacte dos Estudos sobre as Mulheres na Produção Científica Nacional”, suscita uma reflexão paralela sobre o contributo de algumas dessas áreas do saber para o desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres ou, como eu prefiro dizer, para o desenvolvimento dos Estudos Feministas. Formulando talvez com mais rigor, a reflexão que se impõe é a dos pressupostos e condições para a consolidação de epistemologias feministas na investigação científica em geral. Por epistemologias feministas entendo buscas do saber informadas pelo reconhecimento da história da estrutura sexual binária da sociedade em que vivemos, ou seja, epistemologias que reconheçam o carácter situacional do ser humano (as pessoas *são situações na história*)¹ e que, por isso mesmo, tenham em conta, na sua pesquisa, a posição relativa das mulheres e dos homens na cultura,

designadamente o papel relativo de ambos os sexos na construção dessa mesma cultura ao longo dos tempos.

Uma pesquisa informada por uma epistemologia crítica feminista, seja qual for a área do saber em que se realize, estará necessariamente atenta à construção social, cultural e mesmo científica da diferença sexual, bem como às discriminações e opressões que daí decorrem. Nas últimas duas décadas, as epistemologias feministas têm tido grande impacto em diferentes áreas do saber, despertando em particular o interesse daqueles investigadores que se preocupam com uma concepção emancipatória de ciência. Em *Toward a New Common Sense*, Boaventura de Sousa Santos mostra com eloquência como a teoria crítica feminista é parte integrante daquilo a que ele chama a “transição paradigmática”, e que vê como o fundamento mesmo da transformação do conhecimento-como-regulação em conhecimento-como-emancipação (Santos, 1995: 25-26).² Neste meu trabalho, ocupo-me da relação estreita e recíproca entre os Estudos sobre as Mulheres/Estudos Feministas e a área do saber em que privilegiadamente me situo — a Literatura e os Estudos Americanos (*American Studies*) —, procurando mostrar como o texto poético se antecipa muitas vezes às perspectivas feministas da investigação científica actual.

A área de Estudos sobre as Mulheres é muito recente, e particularmente recente em Portugal. Surgiu em regra nos países centrais, com destaque para os países de tradição anglo-saxónica, da articulação interdisciplinar de vários campos, não tendo em todos os casos resultado em cursos com graus e diplomas próprios, para já nem falarmos de departamentos ou sequer institutos autónomos. Quando em 1995 apresentei um Relatório sobre esta área do saber no âmbito do Projecto Sigma da União Europeia, concluí que a área dava então entre nós os seus primeiros passos, embora, evidentemente, sem autonomia própria. Se essa autonomia é desejável e se, por exemplo, a criação de programas de estudos académicos com essa designação (“Estudos sobre as Mulheres”), tendo em vista a obtenção de um diploma, contribuirá, de facto, para a cidadania plena das mulheres, é assunto ainda hoje pomo de discórdia em vários países e contextos. Em Portugal, por razões que expus já noutro lugar, a autonomização levantará porventura ainda mais reservas do que em países como os Estados Unidos, a Inglaterra ou a Holanda (Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa, 2000).³ Isto, sem considerarmos o facto, muito provável, de um programa de Estudos sobre as Mulheres poder reivindicar-se muito mal de epistemologias feministas. Estudar, por exemplo, os movimentos migratórios das mulheres ou a participação das mulheres na economia global, sem uma perspectiva teórica feminista, seria deixar por fazer algumas das mais pertinentes perguntas que se impõem sobre a sociedade sexuada em que vivemos.

É, porém, verdade que os Estudos sobre as Mulheres têm vindo a desenvolver-se extraordinariamente também entre nós nos últimos anos, se não como área independente e institucionalizada na universidade portuguesa, pelo menos como consciencialização de uma problemática irrecusável e, sobretudo, como uma perspectiva crítica feminista que se vem estendendo às mais variadas disciplinas e exercendo inegável influência na produção científica nacional. A este

facto não é, decerto, alheio o trabalho realizado pela APEM, com destaque para a publicação da sua revista *ex-aequo* desde 1999. Observa-se hoje que, a par de uma atenção científica cada vez mais cuidada às mulheres como sujeitos e agentes da sociedade portuguesa nas suas diversas vertentes — do trabalho “sombra” ao trabalho assalariado, da gestão empresarial à criação literária e artística, da educação à ciência —, as epistemologias que dão conta da problemática da diferença sexual nas mais diversas disciplinas académicas se vão impondo também na investigação científica nacional.

No trabalho já mencionado, demonstrei que o desenvolvimento académico mais recente dos Estudos sobre as Mulheres nos Estados Unidos muito fica a dever ao desenvolvimento quase paralelo dos Estudos Americanos (*American Studies*). As duas áreas, a que em rigor não corresponde nenhuma disciplina única, pois antes se constituem ambas na desidentidade compósita da interdisciplinaridade (ou na sua qualidade de não-disciplinas), resultaram do diálogo articulado entre disciplinas bem estabelecidas na instituição académica, como os Estudos Literários, a História, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Educação. No desenvolvimento de uma e de outra teve e tem especial relevância a questionação constante das artes e ciências da linguagem, que particularmente informa os Estudos Literários. As afinidades entre os dois novos campos do saber (*Women's Studies*, *American Studies*) foram sublinhadas desde o início, nos Estados Unidos, naquilo justamente que ambos tinham de não-disciplina.⁴ Ou de “disciplina comparada”, como Paul Lauter tem defendido e exemplificado.⁵ Um apanhado breve da trajectória das duas áreas nos Estados Unidos facilmente confirmará que elas se foram afirmando e consolidando académica e institucionalmente em articulação estreita. Para esta afirmação e consolidação, as teorias e perspectivas críticas dos Estudos Literários não raro constituíram recurso precioso. A literatura, e em especial a poesia, é afinal o lugar por excelência da pergunta pelo ser e pela palavra capaz de o dizer (ou de o tornar manifesto no *seu não-dizer*).

Quando, em 1983, a americanista Joanna Zangrando proclamava a necessidade de os Estudos sobre as Mulheres informarem o estudo e ensino da cultura americana nos Estados Unidos, a sua preocupação era justamente a de forçar, no âmbito dos Estudos Americanos em que se situava o seu próprio labor, a pergunta pelo papel da diferença sexual na construção da cultura e do saber. O que é interessante é que, ao mesmo tempo, Zangrando reconhecia que era urgente desenvolver, adentro dos Estudos sobre as Mulheres, uma perspectiva feminista. A “falta” de uma tal perspectiva, insistia ela, era então absolutamente “confrangedora”, e resumia-se em grande parte à falta de rigor e subtilidade no uso da linguagem.⁶ Pela mesma altura, outra americanista e feminista, Marilyn Boxer dava conta, nas páginas da revista *Signs*, do contributo “extraordinário” dos Estudos Literários (*English*) e da Americanística (*American Studies*) para o desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres no meio académico americano (Boxer, 1982: 661-95). Do ensaio de Boxer resulta claro que essa importância por ela então atribuída às duas novas disciplinas tinha tudo a ver com a relação crítica de cada uma delas com a linguagem e a construção linguística da realidade, a qual, por isso mesmo, as tornava particularmente aptas e prontas a perguntar pelos

sentidos e consensos da situação em sociedade — e a perturbá-los. Se os Estudos Americanos rapidamente puseram em causa a cultura americana como uma totalidade na tradição ocidental (uma problematização que inegavelmente muito deveu também à pesquisa feminista),⁷ os Estudos Literários, e antes destes enquanto instituição os próprios textos literários, vinham desde há muito a interrogar severamente os pesados silêncios dessa mesma tradição. Não admira que, com consequências nem sempre preclaramente previstas, a Cultura desse lugar às “culturas”, e a Tradição às “tradições”. Nos Estados Unidos, a reivindicação de tantas tradições quanto os sexos e as “raças” ou etnias, a insistência crescente na problemática da identidade (*identity politics*) e a proliferação de *area studies* levaram muitas vezes a situações de exclusão confirmada, quando o que se pretendia antes era a inclusão da diferença no respeito pela diferença. No que aos Estudos Literários diz respeito, caiu-se por vezes naquilo a que Doris Davenport muito sugestivamente chamou “o ponto de vista patológico”, ou seja, a pose condescendente, e em última análise contraproducente, dos especialistas, ao “incluírem” no cânone muita escrita de mulheres ou das chamadas minorias étnicas, pela simples razão da sua origem (Davenport, 1989-90: 51-62). Nada mais difícil do que decidir do valor literário ou poético de um texto. Mas a rejeição das concepções “monolíticas” da cultura (como oportunamente exigia então Bonnie TuSmith), se pode ajudar-nos a perguntar pelo fundamento e pelas flutuações sociais e ideológicas dos critérios estéticos que nos regem, não pode levar-nos a abdicar deles (TuSmith, 1989-90: 17-29).

É inegável o contributo dos Estudos sobre as Mulheres (eu insisto, dos *Estudos Feministas*) para a ciência que hoje se faz e para o desenvolvimento do saber. Uma vez esboçada, a análise da sociedade a partir da consideração da sua estrutura patriarcal e da organização sexual binária que lhe dá forma jamais poderá deixar de informar, explícita ou implicitamente, a investigação científica, em particular a investigação nas ciências sociais. Mesmo que se não fale de sexo, dada a forma como a sociedade situa e constrói os sexos, o sexo preside necessariamente a todas as pesquisas. A humanidade é composta de seres do sexo masculino e seres do sexo feminino (para falarmos só dos “normais”), seres que a sociedade continua a situar, definir e identificar de modo diferente, destinando-lhes ainda em regra, por mais subtilmente que em certos sectores da nossa cultura hoje isso aconteça, papéis diferentes, e assim decisivamente contribuindo para a sua construção cultural sempre em curso. Sucede muitas vezes que o que é construído como “feminino” ou “masculino” serve para exaltar ou vilipendiar seres, ora de um, ora de outro sexo. A crítica literária continua subrepticamente a elogiar, por um lado, a capacidade de concentração poética e a determinação “masculinas” de Emily Dickinson, dignas da esfera pública e, por outro, a sua tímida delicadeza “feminina” de poeta da intimidade e do doméstico, identificados com a esfera privada. A própria poeta ironicamente se cantou nesses termos (Dickinson, 1960: 171):⁸

O que posso — hei-de fazer —
Frágil narciso que seja —

Que eu não possa — é porque está
fora disso que é possível —

Para não ficar “de fora”, diz Dickinson (1960: 247-8) noutro poema (mas diz mesmo?), o “feminino” canta baixinho, e não alto como o “masculino”.⁹ Pois que significa dizer que António Nobre é a nossa maior *poetisa*, como disse um dia Teixeira de Pascoais? Evidentemente, que as suas características “femininas” jamais fariam dele o nosso maior poeta. E não se torturava Fernando Pessoa (com a razão social do seu tempo, e decerto ainda do nosso) com a indefinição, ou insuficiente construção “masculina”, do seu ser sexuado? Os sexos são dois, aprendemos desde o berço, e um é “forte” e “providencia”, o outro é “fraco” e é objecto de “providência”. É assim que a sociedade e a cultura os vão subtilmente construindo também e sancionando os respectivos direitos e deveres. A escritora Jan Morris, que antes foi o escritor James Morris, relata com graça em *Conundrum* como, durante o processo da sua mudança de sexo, de repente os homens passaram a abrir-lhe as portas e a dar-lhe primazia. Por mais que digam que a diferença social entre os sexos está a desaparecer, comenta ela mais à frente, a sua própria experiência de trans-sexual diz-lhe o contrário (Morris, 1974: 103, 139). A leitura atenta de *Conundrum* deixa, no entanto, transparecer que os comentários bem-humorados da autora sobre os privilégios relativos dos dois sexos na sociedade patriarcal estão bem ancorados na sua anterior situação de membro do sexo “forte”. A construção do “sexo forte” e do “sexo fraco” persiste ainda hoje, depois de tantas e tão notáveis conquistas feministas nos dois últimos séculos, e quase 30 anos depois de *Conundrum*. Não é verdade que aquilo a que se chama divisão sexual do trabalho é antes, para muitas mulheres na maior parte das culturas, uma “acumulação de trabalho”? Amartya Sen, a quem pedi emprestada a expressão anterior para identificar um facto bem conhecido da maior parte das mulheres seja em que cultura for, chama ainda a atenção para uma nova forma de discriminação sexual, tornada possível pelas tecnologias mais recentes. Nesse interessante artigo de divulgação, de que cito, Amartya Sen conta-nos como a ecografia, permitindo conhecer o sexo da futura criança em fases muito iniciais da gestação, está a dar origem em muitas partes do mundo a abortos de fetos do sexo feminino (Sen, 2001: 37-40).

O saber que reclamamos ter da sociedade não pode senão depender desta situação incontornável. Pierre Bourdieu acaba de se render a este facto em trabalho relativamente recente, reafirmando que a sociedade se conhece pelas suas dinâmicas de poder, e que o poder fundante é o poder masculino (Bourdieu, 1998). Estava tentada a pôr “poder masculino” entre aspas, pois que o poder de que se fala é antes *dominação*, e essa é tradicionalmente “masculina” no modelo patriarcal que preside a todas as sociedades e culturas que conheço, directa ou indirectamente, mas nem só seres do sexo masculino têm estado na situação de a exercer ao longo dos tempos.¹⁰ Basta pensarmos no Império Britânico e na Rainha Vitória,

sugestivamente convocada por Virginia Woolf na construção do romance *To The Lighthouse*, de que, como veremos, Bourdieu se serve para as suas conclusões. Mais importante ainda é observar que, como lucidamente afirma Fernando Pessoa, na pessoa desse compulsivo da independência total que é Bernardo Soares, dominação e dependência são as duas faces da mesma moeda: "Precisar de dominar os outros é precisar dos outros" (Pessoa, 1998: #237). E o contrário é também verdade, sendo que o que é realmente importante é saber quem detém o poder. Nas relações entre os sexos, salvo no ideal *des-situado* do amor recíproco (tão comumente celebrado por Bourdieu, que lhe chama "l'île enchantée"), há sempre dominação-a-negociar; mas não é sempre claro quem domina quem — porquê, como, quando, onde. Neste ponto, a distinção entre diferentes formas de poder e dominação, em que não vou entrar aqui, torna-se crucial.¹¹

Que o famoso sociólogo francês se ocupe do problema da dominação sexual nos seus trabalhos mais recentes (embora insistindo que a ela é levado pela "lógica" de todo o seu trabalho anterior) constitui sem dúvida mais um grande tributo ao impacto dos Estudos Feministas na sociologia dominante. É justo afirmá-lo, mesmo que os resultados da pesquisa feminista de Bourdieu não possam ser considerados particularmente originais ou inovadores.¹² Mas se observarmos que Virginia Woolf surge em *La Domination Masculine* como uma das grandes referências, se não mesmo a grande referência de Bourdieu, torna-se muito mais interessante a questão complexa do impacto recíproco das diferentes áreas do saber ou das diferentes disciplinas nas diferentes áreas do saber e nas diferentes disciplinas. O mais curioso é que, como foi já notado, se bem que o livro de Bourdieu tenha muitas semelhanças formais com os justamente celebrados ensaios teórico-analíticos de Woolf — *A Room of One's Own* (1929) e *Three Guineas* (1938) —, a que ele de resto faz referência como esses "incessantemente citados clássicos do feminismo", é confessadamente o romance *To The Lighthouse* (1927) que mais profundamente o inspira.¹³ "Inspira" é o termo. Na leitura do magnífico retrato que Virginia Woolf traça das relações de poder no seio da família burguesa inglesa do início do século XX em *To The Lighthouse* encontra Bourdieu o sentido profundo da dominação na sociedade patriarcal do Ocidente. É ao registar a "evocação incomparavelmente lúcida" que a narrativa ficcional de Virginia Woolf faz do "olhar feminino" em *To The Lighthouse* que Pierre Bourdieu se apercebe de que o "primado da masculinidade" preside tanto à sociedade camponesa ancestral de Cabília (onde o sociólogo realizou o seu trabalho de campo mais importante) como à sociedade burguesa (e artística, acrescentaria eu) de Bloomsbury.¹⁴

O impacto dos Estudos Feministas? Ou o impacto do poético? Ou será que é mais fácil ao controverso sociólogo prestar tributo, na mulher escritora, à "ficção" do que à "ciência", a qual, em rigor, lhe cabe a ele fazer? É certo que Bourdieu dá conta, em *La domination masculine*, da importância do trabalho filosófico, antropológico ou sociológico de especialistas feministas, na sua maioria americanas e bem conhecidas no âmbito dos *American Studies* e dos Estudos Literários. Catherine MacKinnon, Gayle Rubin, Judith Butler, Michaela di Leonardo, Nancy Chodorow, Michelle Rosaldo, Sherry Ortner, Susan Bordo, entre outras, são referidas pelo autor francês no seu livro. Mas não deixa de ser

interessante ouvir o sociólogo e teórico da sociologia lamentar que, de entre o trabalho produzido por mulheres, a reflexão teórica das feministas atraia hoje todas as atenções, relegando para planos secundários ensaios magníficos, como, por exemplo, o de Micaela di Leonardo (1987) sobre o papel das mulheres na manutenção e reprodução das relações sociais, mediante o entretimento constante dos laços familiares (*kinship work* é a designação que Leonardo dá a mais este trabalho-sombra das mulheres). Ensaios empírico-descritivos como o de Leonardo, afirma Bourdieu, são cientificamente muito mais "ricos e fecundos, mesmo do ponto de vista teórico", do que a teorização a que, evidentemente a seu ver por razões de prestígio académico, avidamente se entregam hoje muitas investigadoras feministas. Em resumo, não se justifica, segundo Bourdieu, a actual "corrida" das mais brilhantes feministas à "grande teoria", que é afinal "tipicamente masculina" (Bourdieu, 1987: 105).

É claro que até esta crítica de Bourdieu revela o impacto dos Estudos sobre as Mulheres e do pensamento feminista. O final dos anos 80 viu surgir nos Estados Unidos o testemunho de investigadoras feministas que se insurgiam contra a linguagem "abstracta", "obscura", "opressiva", "impessoal" e "alienante" da "teoria". O mais famoso e controverso desses testemunhos (que Bourdieu não cita) foi sem dúvida o de Jane Tompkins, a muito justamente aclamada autora de *Sensational Designs: The Cultural Work of American Fiction 1790-1860* (1985), um trabalho de pesquisa literária feminista que revolucionou o nosso entendimento da chamada *American Renaissance*. Em artigo posterior, intitulado "Me and my shadow" (1989), Tompkins não faz cerimónia nenhuma em lançar para o caixote do lixo da teoria e da crítica, em prol de um saber "concreto", "claro", "vivido" e "personalizado" (feminino?), pensadores "desencarnados", "confusos", "generalizantes" e "abstractizantes" (masculinos?) como Félix Guattari, Michel Foucault, Harold Bloom ou mesmo a mais congenial (pelos seus temas feministas) Jessica Benjamin (Tompkins, 1989).¹⁵ E embora Bourdieu não mencione o nome da autora, a referência à "course à la théorie" alude expressamente a outro artigo da mesma altura, da autoria de Barbara Christian. Igualmente controverso, mas por razões diferentes, "The Race for Theory" (1987) teve um impacto enorme, sobretudo no âmbito mais restrito da afro-americanística. Contudo, as implicações e repercussões teóricas e políticas do ensaio da feminista afro-americana, que deliberadamente joga com o duplo sentido da palavra "race" ("corrida" e "raça"), não chegou a captar a atenção de Bourdieu (Christian, 1987).¹⁶

Mais interessante ainda, sem dúvida, é observar em *La domination masculine* o ilustre sociólogo francês apresentar-se, a dada altura, como o cientista "objectivo" que porém não possui a "subtileza" de análise, a "argúcia" e estilo "requintado" de uma Virginia Woolf (Bourdieu, 1998: 41, 89). Não estaremos ainda aqui em presença do fantasma, se bem que neste caso cavalheirescamente benévolo, do contraste entre os valores e poderes relativos do "feminino" e do "masculino" enquanto instrumentos do saber? De facto, Bourdieu reitera neste passo, sem disso se dar conta, a contradição entre a lógica e a retórica, estabelecida por John Locke nos finais do século XVII no seu *Ensaio sobre o entendimento humano* (1696), ao mesmo tempo que galantemente lhe inverte a ordem hierárquica, segundo a qual a

lógica (claramente entendida como “masculina”) é o meio da verdade e do conhecimento, enquanto a retórica (obviamente entendida como “feminina”) é o perigoso fascínio do ornamento supérfluo e mesmo falacioso. Parafraseando Nancy Armstrong, eu diria que a narrativa de ficção de Virginia Woolf desempenha, para a “ciência objectiva” de Bourdieu, o papel da “meretriz da cultura”, que constituem as artes sedutoras da palavra (Armstrong, 1988). Que o sociólogo do sexo masculino eleja um romance escrito por uma mulher para prestar homenagem ao poder persuasivamente revelatório da linguagem, não deixa de ter significado. Assim rende o cientista homenagem às sutilezas sugestivas do “feminino”, deixando intacta a racionalidade objectiva do “masculino”, que confere à sua ciência a última palavra.

Por isso resulta tão importante na economia de *La domination masculine* o uso de uma narrativa de ficção escrita por uma mulher para demonstrar, por comparação, como é semelhante o funcionamento da dominação masculina na cultura berbere e na cultura dominante. A divisão sexual do trabalho e a socialização dos homens e das mulheres confere aos homens a posição de poder nas duas culturas. Pelo que diz respeito à cultura ocidental, a esta conclusão tinha já chegado há muito tempo Simone de Beauvoir, que sublinhara bem, logo no início de *O segundo sexo*, como a ancestralidade da subordinação das mulheres a transformou mesmo num absoluto universal, por natureza imutável (Beauvoir, 1949: I: 18). De modo só aparentemente paradoxal, as conquistas da ciência e da tecnologia dos dois últimos séculos, em particular mediante a predominância, na gestão das estratégias publicitárias, daquilo a que Jackson Lears lucidamente chamou o “iluminismo masculino”, acabaram por confirmar a situação (Lears, 1994: 186).¹⁷ E ainda hoje são frequentes, mesmo em trabalhos que se pretendem científicos, conclusões enviesadas sobre a relativa aptidão das raparigas e dos rapazes para o estudo das diferentes áreas do saber.¹⁸

A conclusão a que Beauvoir chegara no final dos anos 40 tem sido reiterada e demonstrada de diferentes maneiras desde então por muitas cientistas feministas, nos dois lados do Atlântico.¹⁹ Mas a romancista feminista é porventura menos ameaçadora para o sociólogo, por de mais consciente do seu sexo neste nosso tão sexuado tempo, do que a cientista feminista. Em *A Room of One's Own* (1929), publicado dois anos depois de *To The Lighthouse*, e dez anos mais tarde em *Three Guineas* (1938), Virginia Woolf debruça-se explicitamente sobre as causas socioeconómicas e políticas da opressão das mulheres no século XX, denunciando em particular o confinamento das mulheres ao doméstico e a sua secular falta de acesso à educação e às profissões.²⁰ Em *Three Guineas*, a autora relaciona ainda argutamente o patriarcado e a subjugação doméstica das mulheres inglesas com a acção do Império Britânico no mundo e com a crescente ameaça do nazismo. Por sua vez, *To The Lighthouse* oferece imaginativamente aos seus leitores uma bela pintura impressionista da situação no início do século XX.

Se temos de admitir que Bourdieu, a servir-se de um romance (e o sociólogo tem toda a legitimidade para o fazer), não podia ter escolhido melhor, podemos lamentar que o cientista não tenha levado suficientemente longe a sua análise da arte subtil da romancista. *To The Lighthouse* não se limita a revelar o primado da

masculinidade e a confirmar a dominação masculina, que informam a nossa cultura. *To The Lighthouse* é o retrato magnífico da relação complexa entre dominadores e dominados na estrutura familiar ocidental, uma relação com implicações que em muito transcendem o doméstico. Por outro lado, é uma relação que passa necessariamente pela crescente fragilidade relativa da própria dominação. A mútua dependência é parte integrante da dialéctica e do modo de funcionamento mesmo da dominação. O que o romance de Woolf nos oferece com inigualável argúcia é a ansiedade de dominação do dominador, cujo poder é simultaneamente confirmado e ameaçado pela ansiedade de submissão dos dominados. A dominação masculina, ameaçadora como é da integridade dos dominados, em especial das dominadas, surge também no romance, ela própria, ameaçada, como Bourdieu observa. Porém, ao retratar a dominação masculina ameaçada, *To The Lighthouse* dá de igual modo indícios da inevitabilidade da mudança.

A centralidade da personagem principal, do sexo masculino, à volta da qual gravita toda a acção do romance e para a qual convergem todos os sentimentos e pensamentos das restantes personagens, sublinha irrefutavelmente, como nota Bourdieu, o primado da masculinidade. Mr. Ramsay detém o poder e é o “tirano”.²¹ Tal como na sociedade berbere de Cabília, também no mundo romanesco de *To The Lighthouse* a vida gira à volta do patriarca, o centro estabilizador da comunidade pela sua autoridade inquestionada, se bem que de diferentes modos ressentida por diversas personagens. Mas a sutileza da narrativa de Virginia Woolf, tão admirada por Bourdieu, consiste sobretudo em mostrar como são frágeis essa autoridade, centralidade e estabilidade, ou melhor, como a história as vai tornando vulneráveis ao gradualmente as re-situar. Ao denunciar analiticamente as causas da opressão feminina em *A Room of One's Own* e *Three Guineas*, Virginia Woolf aponta também objectivamente para o sentido e a real possibilidade de mudança desse estado de coisas. Em *To The Lighthouse*, cuja acção é enquadrada pelo Império e atravessada pela Primeira Grande Guerra, que aquele tornou necessária, e implicitamente afectada pelas transformações sociais que esse período regista, vemos claramente as sementes dessa mudança a germinar. Consideremos de novo, por momentos, o aforismo de Pessoa/Soares, citado acima — e que agora completo — e ponderemos se *To The Lighthouse* se nos não impõe como uma espécie de uma sua glosa alargada e politicamente pregnante: “Precisar de dominar os outros é precisar dos outros. O chefe é um dependente”. Ora que ser se nos apresenta mais “dependente” no romance de Virginia Woolf do que o “tirano” Mr. Ramsay? A fragilidade e insegurança do patriarca acerca do valor autêntico e mérito duradouro do seu trabalho profissional, de que depende em exclusivo o papel que a sociedade lhe destina como homem, não podiam ser maiores. Mr. Ramsay precisa constantemente do reconhecimento, explícito ou implícito, da mulher, dos discípulos, dos filhos, dos amigos, das visitas. As suas decisões inapeláveis, as suas opiniões indiscutíveis, os seus repentinos autoritários ou os seus silêncios agressivos, filtrados pela imaginação tão “feminina” (como diria Bourdieu) de Mrs. Ramsay, não são senão o lado vulnerável do seu poder patriarcal. Afinal, o “tecido admirável da inteligência masculina” de Mr. Ramsay (Woolf, 1994: 342), como a

concebe a imaginação de Mrs. Ramsay, por sua vez imaginada por Virginia Woolf com requintada ironia, não alcança totalmente os vários gestos e atitudes da mulher para lhe preservar a dignidade. Mas não pode deixar de angustiar-se pela suspeita de que a sua dignidade “masculina” muito deve à construção, quase diria (inspirada em Bourdieu) ficcional por “feminina”, de Mrs. Ramsay.

Toda a primeira parte do romance, a mais longa, é como que uma janela aberta sobre a situação. “The Window” é o título desta primeira parte, e esse ponto, mais de visão do que de vista, é absolutamente o da romancista, embora *pareça* ser o de Mrs. Ramsay, por ser esta personagem o foco principal. Bourdieu traça com muita eloquência no romance a relação entre o *desejo de dominar* (Mr. Ramsay) e o *desejo (que tem) do dominador* que prescinde de dominar *na primeira pessoa* (Mrs. Ramsay) (Bourdieu, 1998: 79-86). Mas não presta, a meu ver, suficiente atenção à forma hábil como Woolf faz surgir, no desejo que o dominado tem (da aprovação) do dominador, a pergunta pela própria dominação. Aliás, esse desejo estende-se praticamente a todas as personagens do romance, e sobretudo àquela que poderá ser considerada a mais independente delas todas, a pintora Lily Briscoe, que escapará às maquinações casamenteiras (bem “femininas”) de Mrs. Ramsay, recusando-se assim a cumprir, enquanto esposa e mãe, a parte “feminina” da missão civilizadora do Império. Na última parte do romance, observamos a surda resistência de James à “tirania”, mas também a sua satisfação perante a aprovação do pai pela forma como o jovem conduzira o barco até ao farol. E vemos, sobretudo, como Woolf projecta no quadro misterioso que Lily Briscoe mentalmente dedica a Mr. Ramsay nas últimas palavras da narrativa a resposta possível à pergunta do romance pela dominação. Ao oferecer ao “dominador” a *sua própria* visão literalmente distanciada da situação de dominação, a finalmente livre e independente Lily Briscoe ocupa e transforma o ponto de vista deixado vago pela morte de Mrs. Ramsay. Como foi já observado, o facto de o assunto do quadro pintado por Lily Briscoe na terceira parte do romance ficar por revelar, mas não ser decerto, como na primeira parte, o retrato de Mrs. Ramsay assombrado pela imagem da Rainha Vitória, aponta de forma oblíqua para as transformações políticas em curso.²² A morte de Mrs. Ramsay, a morte da Rainha, a Grande Guerra, a morte do filho Andrew em combate, tão eficazmente evocadas nos curtos parênteses da curtíssima segunda parte (“Time Passes”), sugerem claramente que a sociedade e a cultura estão a mudar.

Mas é no retrato magnífico que traça de Mrs. Ramsay, a mulher-rainha-no-seu-lar que cumpre à maravilha o seu papel de mulher (esposa e mãe) na família burguesa ocidental do início do século XX, que Virginia Woolf lança as coordenadas da pergunta pela dominação. Vejam-se as páginas admiráveis de Woolf no décimo capítulo da primeira parte, em que Mrs. Ramsay lê a James (por assim dizer, em off) o conto de Grimm intitulado “O pescador e a mulher do pescador”, ao mesmo tempo que pensa a teia de relações familiares e sociais, sem esquecer as difíceis contas domésticas, que ela mesma eficazmente controla. Mrs. Ramsay realiza, aliás, primorosamente o seu *kinship work*, um trabalho que, a julgar pelo desenrolar da acção que nos chega através da breve segunda parte do romance, bem pode ter os dias contados. Fora do texto da

narrativa, entremeada esta apenas de pequenos fragmentos do conto, desenrola-se a história da ambição grotesca da Mulher do Pescador no conto de Grimm, bem conhecido dos leitores de Woolf, e onde se insinua, de resto, a questão da diferença sexual e da dominação. Pois não traz consequências cósmicas a soberba da mulher, que quis ser “imperador”? Ao mesmo tempo, Mrs. Ramsay reflecte indirectamente sobre a sua própria capacidade de dominação, que no entanto o seu ser-mulher veementemente rejeita. E embora orgulhosamente consciente do seu poder de “influenciar as pessoas”, porém deixando a narrativa magistralmente clara a intervenção manipulativa da personagem no noivado de Minta e Paul, Mrs. Ramsay sinceramente repudia a imagem de dominadora, manipuladora e autoritária que sabe de si terem designadamente os pais de Minta. Não, tirânica ela não era, o seu desejo fora ter sempre um filho nos braços — frágil e totalmente dependente, e a precisar de toda a sua protecção, evidentemente. Uma protecção que pode por vezes ser difícil de distinguir da dominação. Recordemos como o romance habilmente associa a figura de Mrs. Ramsay à da Rainha Vitória, “mãe” do Império.

Há, pois, traços “masculinos”, de dominação, em Mrs. Ramsay. Também ela gosta de controlar a situação, também ela se preocupa com a esfera pública, com a qualidade dos hospitais e dos serviços de saúde, ou com a falta de higiene na distribuição domiciliária do leite. Também ela sonha intervir no político e contribuir para a transformação da sociedade, mas mais tarde, quando os filhos tiverem crescido e já não precisarem dela. Contudo, o génio de Virginia Woolf intuía muito antes de Bourdieu que a “violência simbólica” que faz de Mrs. Ramsay a mulher que ela é, esposa e mãe e sobretudo *esposa*, não lhe permitiria nunca realizar o sonho. Por isso prefere a romancista “matá-la”, discretamente, e levar o romance à conclusão depois da sua morte — e depois da guerra. O desaparecimento inesperado de Mrs. Ramsay é sinal, tal como a Grande Guerra é sinal, da mudança que se anuncia, e de que fazem parte os “custos” que a emancipação, no entender de Bourdieu, traz “para as mulheres”: a solidão sexual de Lily Briscoe, o casamento falhado de Minta. Bourdieu tem razão: foi precisa a subtilidade toda da genial romancista para *To The Lighthouse* dizer o que diz e dizer no que cala também. Ao sociólogo, a não ser que ele fosse e *quisesse ser* também poeta, tal não seria permitido.

É que a literatura, e em especial o que a literatura tem de poético, é o lugar por excelência da pergunta pelo ser e pela palavra capaz de o dizer. Ou não-dizer. Pelo abismo que existe entre ela e a coisa, a palavra tende a mistificar, e dela é preciso desconfiar sempre, sem jamais deixar de a usar. É preciso, em cada momento, descobrir a inteireza das palavras capazes de dizerem os sentidos de cada situação (em todos os sentidos da palavra *sentido*). Caeiro, que por isso mesmo dizia que “não” era poeta, só “via”, e não via “só o visível”, foi capaz, com seu “pasma essencial”, de dizer o ser no sabor de o saber: “comer um fruto é saber-lhe o sentido”. Mas nem a todos é dado “trincar a terra toda e sentir-lhe um paladar”.²³

Para os que, como eu, não são poetas nem “vêm”, mas lêem os poetas, a palavra certa não pode senão ser o processo inquietante da escolha da palavra que jamais pode decidir-se definitivamente como certa. Porque o que ensina a poesia é que a palavra nunca é “certa”, é sempre, por ser “rigorosa”, perturbadora — ou desassossegante, se quisermos voltar a Pessoa. É na linguagem do desassossego da poesia que pode buscar-se, paradoxalmente, o rigor da ciência. À ciência exigimos a capacidade de jamais deixar de perguntar, mesmo pelo que parece óbvio, ou pelo dado que, por de mais adquirido, se tornou matéria de fé. Como o “masculino” e o “feminino”. Pela forma como lidam com as palavras, nunca os poetas deixam que a “fé” nos acomode — como diz o poema de Emily Dickinson que me serve de epígrafe.²⁴ Por isso digo eu que é feminista o poético.

Termino com mais um poema de Emily Dickinson, sobre a escolha da palavra “certa”.²⁵

Escolho-te a ti? disse a poeta
à palavra sugerida.
Aguarda com as candidatas
enquanto eu tento melhor —

Foi estudar filologia
e quando quase a chamar
a candidata retida
inesperada surgiu —

essa parte da visão
que a palavra quis dizer
É só com o nomear
Que surge a revelação —

Notas

- 1 Aproprio aqui a noção sartriana de que o ser humano existe como “ser-em-situação” e “se faz” no tempo (Sartre, 1943: especialmente a quarta parte).
- 2 A “utopia realista”, ou “heterotopia”, que constitui o oitavo e último capítulo deste livro é também informada pelo pensamento feminista das últimas décadas.
- 3 Cf. Maria Irene Ramalho de Sousa Santos (Outubro, 2000). Os países mencionados gabam-se, com razão, de possuir hoje os melhores centros e programas de Estudos sobre as Mulheres.
- 4 Cf. Baxter (Outubro, 1974: 433-39). Para um bom apanhado do trabalho realizado na articulação das duas áreas entre 1970 e 1975, ver Gerstenberger e Carolyn Allen (1977: 263-79).
- 5 Cf. Lauter (1990: 9-34).

- 6 Cf. Zangrando (1983). A expressão usada por Zangrando (1983: 233) foi “direly needed”.
- 7 Cf. Kafka (Verão, 1989-90: 31-49).
- 8 “What I can do — I will — / Though it be little as a Daffodil — / That I cannot — must be / Unknown to possibility — ” (Dickinson, 1960: #361).
- 9 “Why — do they shut Me out of Heaven? / Did I sing — too loud? / But — I can sing a little ‘Minor’ / Timid as a Bird!” (Por que — me expulsam do céu? / Cantei eu alto de mais? / Mas canto num tom “menor” / tímida qual passarinho!) (Dickinson, 1960: 247-48).
- 10 Muito se tem falado de matriarcados, mas não sei de nenhum caso em que a dominação masculina não saia reforçada. Veja-se, por exemplo, o que diz Maria José Canelo sobre o Matriarcado de Pindorama (Canelo, prelo). Sobre o mito do matriarcado na pré-história, ver Cynthia Eller (2000).
- 11 Mas veja-se o sexto capítulo de Santos (1995).
- 12 Ver também Mossuz-Lavau (Outubro, 1998: 57-59).
- 13 Cf. a recensão de Paul Reitter (2001) da edição americana.
- 14 Sobre os sexos do modernismo (masculino o da alta cultura, feminino o da cultura de massas), cf. Huyssen (1986).
- 15 Jane Tompkins (1989) em Linda Kauffman (org), *Gender and Theory: Dialogues on Feminist Criticism*, Oxford, Basil Blackwell, 121-129. Uma versão anterior do artigo foi publicada em *New Literary History* 19 (Fall 1987) como comentário ao ensaio de Ellen Messer-Davidow incluído nesse mesmo número e intitulado “The Philosophical Bases of Feminist Literary Criticism”. Para uma lúcida discussão desta problemática, a partir do pensamento eminentemente teórico de Simone de Beauvoir, cf. Moi (1999).
- 16 Barbara Christian (1987), “The race for theory”, também incluído em Linda Kauffman (org), *Gender and Theory: Dialogues on Feminist Criticism*, Oxford, Basil Blackwell, 225-237. Originalmente publicado em *Cultural Critique* (Primavera, 1987).
- 17 Só há muito pouco tempo começaram a surgir estratégias publicitárias que não pressupõem a intervenção profissional do especialista (do sexo masculino) para explicar ao comum dos mortais (normalmente do sexo feminino) a excelência de determinado produto de uso doméstico.
- 18 Para o caso da matemática, cf. Almeida (1996: 123-131).
- 19 Bourdieu tem sido acusado de “roubar”, nos seus trabalhos mais recentes, as ideias das feministas. Prefiro pensar, com Toril Moi, que, tal como muitos outros distintos cientistas do sexo masculino que de repente descobrem a importância das epistemologias feministas, Bourdieu faz as suas “descobertas” sem se dar ao trabalho de ler com pormenor e rigor as críticas feministas. Cf. Moi (1999: 283, n. 21).
- 20 Muito antes do clássico *Woman's Role in Economic Development* (1970), da autoria da economista e feminista Ester Boserup, e citado com admiração por Amartya Sen, já Woolf tinha defendido que o desaparecimento da discriminação sexual teria de passar pela independência económica das mulheres.
- 21 Essa é a percepção de James, o filho mais novo, que tem com a irmã Cam um pacto de “resistir à tirania até à morte” (Woolf, 1994: 386). Mas, como veremos, o tratamento da tirania e da resistência à tirania é muito mais subtil do que isso. Não é relevante para as minhas reflexões sublinhar que Virginia Woolf traça em Mr. Ramsay um retrato

satírico do próprio pai, o notável intelectual e autor, muito influente no seu tempo, Leslie Stephen. Um ensaio que analisa bem a forma como Woolf, não só em *To The Lighthouse*, se demarca das concepções filosóficas de Stephen é o de Louise Westling (1999).

- 22 Janet Winston (1996: 39-70) oferece uma análise arguta do romance como alegoria jamesoniana do Império Britânico. Cf. Jameson (1986: 65-88) e Eagleton, Jameson and Said (1990: 43-66).
- 23 Cf. Fernando Pessoa, *O guardador de rebanhos de Alberto Caeiro*. Cf. em especial os poemas n.º II, IX, XXI, XXVI; e ainda, de "Poemas inconjuntos", "A espantosa realidade das coisas".
- 24 "A 'fé' é bela invenção / quando os senhores vêm bem — / Mas prudente o microscópio / em caso de aflição" (Dickinson, 1960: #195).
- 25 "Shall I take thee, the Poet said / To the propounded word? / Be stationed with the Candidates / Till I have finer tried — // The Poet searched Philology / And when about to ring / For the suspended Candidate / There came unsummoned in — // That portion of the Vision / The Word applied to fill / Not unto Nomination / The Cherubim reveal —" (Dickinson, 1960: #1126). As traduções de Emily Dickinson são minhas e da Ana Luísa Amaral.

Referências bibliográficas

- Almeida, Conceição (1996), "Contribuição para uma ética de investigação educacional: alguns exemplos e sugestões", *Quadrante*, 5: 1, 123-131.
- Armstrong, Nancy (1998), "O crítico e a meretriz da cultura: A teoria na América pós-moderna", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Março 1988, n.º 24, 107-137.
- Baxter, Annette (1974), "Women's studies and american studies: the uses of the interdisciplinary", *American Quarterly*, 26, 4.
- Beauvoir, Simone de (1949), *Le Deuxième Sexe*, 2 vols, Paris, Gallimard.
- Bourdieu, Pierre (1998), *La Domination Masculine*, Paris, Seuil.
- Canelo, Maria José (prelo), "Nações em revista(s)", em Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro (orgs.), *Entre Ser e Estar. Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*, Porto, Afrontamento.
- Christian, Barbara (1987), "The race for theory", em Linda Kauffman (org), *Gender and Theory: Dialogues on Feminist Criticism*, Oxford, Basil Blackwell, 225-237.
- Davenport, Doris (1989-90), "Pedagogy and / of ethnic literature", *MELUS*, 16, 2, 51-62.
- Dickinson, Emily (1960), *The Complete Poems of Emily Dickinson*, Nova Iorque, Little Brown, Ed. Thomas H. Johnson.
- Eagleton, Terry, Fredric Jameson, e Edward Said (1990), "Modernism and imperialism", *Nationalism, Colonialism, and Literature*, Minneapolis, University of Minnesota, 43-66.
- Eller, Cynthia (2000), *The Myth of Matriarchal Prehistory. Why an Invented Past Won't Give Women a Future*, Boston, Beacon Press.

- Gerstenberger, Donna, e Carolyn Allen (1977), "Women studies/american studies, 1970-1975" *American Quarterly*, 29, 3, 263-79.
- Huyssen, Andreas (1986), *After the Great Divide: Modernism, Mass Culture, Postmodernism*, Indiana UP, Bloomington.
- Jameson, Fredric (1986), "Third-world literature in the era of multinational capitalism", *Social Text* 5, 65-88.
- Kafka, Phillipa (1989-90), "Another round of canon-fire: feminist and multi-ethnic theory in the american literature survey", *MELUS*, 16, 2 (Verão, 1989-90), 31-49.
- Lauter, Paul (1990), "The literatures of America: a comparative discipline", *Redefining American Literary History*, Nova Iorque, MLA, Ed. A. LaVonne Bron Ruoff and Jerry W. Ward, Jr., 9-34.
- Lears, Jackson (1994), *Fables of Abundance: A Cultural History of Advertising in America*, Nova Iorque, Basic Books.
- Leonardo, Michaela di (1987), "The female world of cards and holidays: women, families and the world of kinship", *Signs* 12 (Primavera, 1987), 410-453.
- Moi, Toril (1999), *What Is a Woman?*, Oxford, Oxford University Press, 121ss.
- Morris, Jan (1974), *Conundrum*, Londres, Faber and Faber.
- Mossuz-Lavau, Janine (1998), "Dominants et dominées", *Recensão de La Domination masculine*, *Magazine Littéraire*, n.º 369, (Outubro, 1998), 57-59.
- Reitter, Paul (2001), "Gender unbender", *The Nation* (Julho 23/30).
- Santos, Boaventura de Sousa (1995), *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*, Nova Iorque, Routledge.
- Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa (2000), "american studies and feminist scholarship in Portugal", *American Studies International*, 38, 3.
- Sartre, Jean-Paul (1943), *L'Être et le Néant*, Paris, Gallimard.
- Sen, Amartya (2001), "The many faces of gender inequality", *The New Republic*, Setembro 17, 37-40.
- Tompkins, Jane (1989), "Me and my shadow", em Linda Kauffman (org.), *Gender and Theory: Dialogues on Feminist Criticism*, Oxford, Basil Blackwell, 121-139.
- TuSmith, Bonnie (1989-90), "The cultural translator: toward an ethnic womanist pedagogy", *MELUS*, 16, 2 (Verão 1989-90), 17-29.
- Westling, Louise (1999), "Virginia Woolf and the flesh of the world", *New Literary History*, 30, 4.
- Winston, Janet (1996), "'Something out of harmony': To The Lighthouse and the subject(s) of empire", *Woolf Annual Studies*, vol. 2, 39-70.
- Woolf, Virginia (1994), *Four Great Novels. Jacob's Room, Mrs. Dalloway, To The Lighthouse, The Waves*, Oxford, Oxford UP.
- Zangrando, Joanna Schneider (1983), "Women's studies in the United States: new sources", *Sources for American Studies*, Westport, CT, Greenwood, Ed. Jefferson B. Kellog and Robert H. Walker, 233.

Maria Irene Ramalho é Professora catedrática do Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Professora Visitante do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Wisconsin-Madison. Investigadora do CES. Autora de inúmeros trabalhos nas áreas de estudos literários e culturais. A sua obra mais recente é *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism* (University Press of New England, prelo).

Contacto: mirbss@mail.telepac.pt